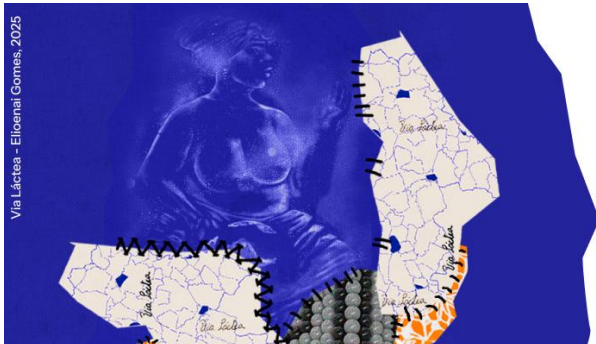




COBRA DE DUAS CABEÇAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM PRÁTICAS INSURGENTES EM DANÇAS DE MATRIZ AFRICANA E INDÍGENA

Juliana Lima da Silva¹ – UEPB

Cobra de Duas Cabeças: ancestralidade em movimento

Este resumo relata a experiência do intercâmbio cultural "Cobra de Duas Cabeças: ancestralidade em movimento", que possibilitou o aprofundamento em procedimentos pedagógicos e artístico-culturais em Dança, alicerçados nos saberes e fazeres de matriz africana e indígena.

Assim, o projeto promoveu o deslocamento de Juliana Lima e Topázio Aramurú Karirí (produtor cultural, artista e educador), para mentorias com duas referências: Tatiana Campêlo (produtora cultural, artista e professora de Danças Afro-brasileiras), Salvador-BA, e Idiane Crudzá Kariri-Xocó (referência na manutenção e resgate da língua Dzubukuá-Kariri-Kipeá), Porto Real do Colégio-AL.

O intercâmbio foi realizado por meio do Edital de nº 60.008/2024 - Bolsas Culturais, viabilizado com recursos da Política Nacional Aldir Blanc (PNAB), operacionalizados pela Fundação Cultural de João Pessoa (FUNJOPE) e pelo Fundo Municipal de Cultura (FMC), durante os meses de fevereiro e março de 2025. Desse modo, como objetivo, o projeto previu promover um intercâmbio artístico-cultural imersivo para aprofundar saberes e fazeres de matriz africana e indígena, integrar vivências ao fortalecimento ancestral e fomentar práticas artísticas e pedagógicas inclusivas e diversificadas.

Nesse caminhar, iniciamos o intercâmbio no mês de fevereiro de 2025, com o deslocamento para a cidade de Salvador-BA. Na capital baiana, sob a orientação da

¹ Pós-graduanda em Gestão e Produção Cultural pela UEPB, Licenciada em Dança pela UFPB e artista.
E-mail: juliana.lima.silva@academico.ufpb.br



mentora Tatiana Campêlo, na Escola de Dança da FUNCEB, vivenciamos um aprofundamento nos saberes e fazeres de matriz africana por meio da Dança Afro.

Desse modo, foi possível amadurecer procedimentos artísticos e pedagógicos em Dança, sendo eles: (I) Práticas de aquecimento; (II) Estruturação e desenvolvimento de aula; (III) Técnicas de Dança Afro; e (IV) Procedimentos de finalização de aula.

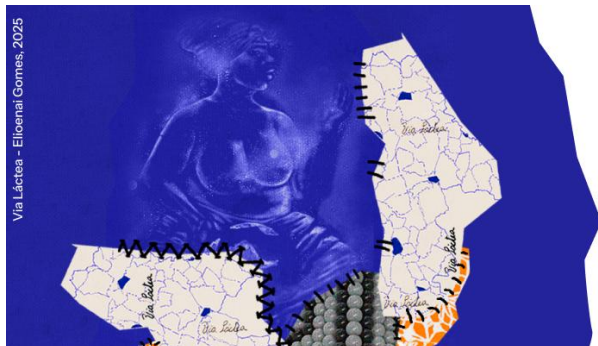
Além disso, as atividades com Tatiana Campelo evidenciaram que a percepção de si sobre o mundo no qual se vive, isto é, a autoestima, é fundamental para uma maior conexão com a dança e a percussão, pois os movimentos exigem muita resistência e evocam a ancestralidade.

Figura 1 – Tatiana Campêlo, Juliana Lima, Topázio Aramurú Karirí e Danilo Guedes, Escola de Dança Funceb, Salvador-BA.



Fonte: A autora (fev, 2025).

Em sequência, no mês de março, nos deslocamos até a aldeia Kariri-Xocó, localizada em Porto Real do Colégio-AL. Em território indígena, ao imergir no cotidiano da aldeia, sob o acolhimento e mentoria de Idiane Crudzá, participamos de momentos extremamente relevantes como, vivências com as mulheres cantadoras de Rojão, vivências com o Toré e estudos da língua Dzubukuá-Kariri-Kipeá.



Tais vivências foram fundamentais para fincar os pés em sabedorias ancestrais significativas e potencializar a criação de práticas artísticas e pedagógicas.

Figura 2 – Rojão com as mulheres da aldeia Kariri-Xocó, Porto Real do Colégio-AL.

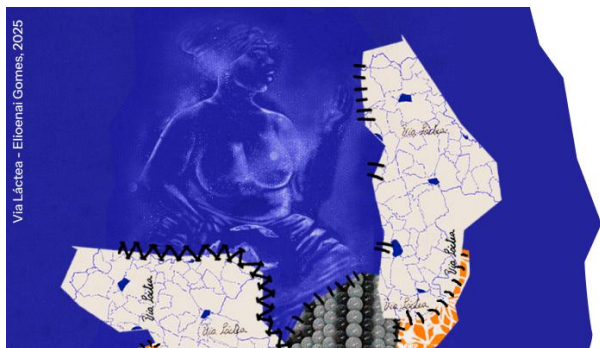


Fonte: A autora (mar, 2025).

Primeira cabeça: uma prática pedagógica em Dança

Em seu livro *Corpo e ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação* (2021), a autora Inaicyra Falcão destaca que conduz os estudos das pessoas estudantes para que percebam a dança como uma tradição cultural de um povo, que tomem consciência de seu ser, que valorizem suas singularidades, sensibilidade, criatividade e que levem em consideração os aspectos culturais de cada pessoa.

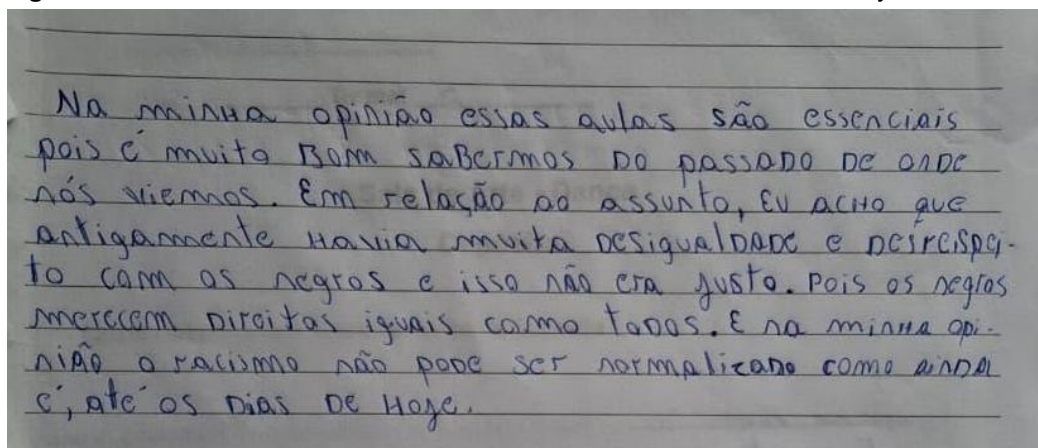
Nesse sentido, inspirada nas experiências do intercâmbio e nos dizeres de Inaicyra Falcão, elaborei uma proposta educacional com o objetivo de promover o ensino das danças de matriz africana e indígena a fim de combater a discriminação e promover a valorização das diversidades culturais brasileiras, pois, como disse Grada Kilomba ao citar bell hooks, “sujeitos são as pessoas que “têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias” (1989, p. 42, apud Kilomba, 2019, p. 28).



Além disso, encontrei alicerce no conceito "Batucar-Cantar-Dançar" (Ligiéro, 2011), que expressa a profunda relação entre o batuque, o canto e a dança nas tradições de matriz africana, além de reconhecer as diversidades e a interconexão dessas expressões nas culturas indígenas.

Desse modo, de abril a agosto de 2025, em João Pessoa-PB, estive mediando atividades de danças de matriz africana e indígena em espaços de educação formal e não formal, sendo eles: EMEIEF Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado (9º ano); EEEFM Professora Maria Jacy Costa (2º do ensino médio); EEEFM Desembargador Braz Baracuh (modalidade EJA); EMEF Santos Dumont (4º ano); EMEIEF Damasio Barbosa da Franca (6º ano); e, por fim, na Programação Férias Funesec (com crianças a partir de 3 anos de idade).

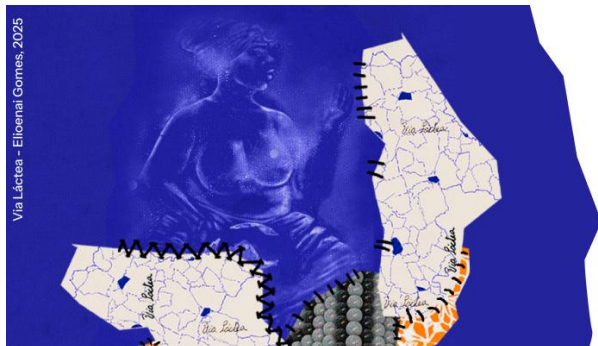
Figura 3 – Diário de bordo do estudante da EEEFM Professora Maria Jacy Costa.



Fonte: A autora (mai, 2025).

Segunda cabeça: uma prática artística

"Cobra de Duas Cabeças" é uma performance de Dança que entrelaça os saberes e fazeres de matriz africana e indígena. Essa performance foi inaugurada em 2021, com recursos da Lei Aldir Blanc em João Pessoa-PB. Após a realização do intercâmbio, a performance enroscou-se, esticou-se e trocou de pele, dançou por novos caminhos e percebeu outros mundos. Desse modo, o corpo ganhou nova coreografia, dramaturgia, musicalidade e figurino. Como resultado dessa etapa, foi



realizada uma apresentação aberta ao público, segue o link do vídeo:
https://www.youtube.com/watch?v=IOau0_HRzKU.

Considerações

Dado o exposto, o intercâmbio cultural "Cobra de Duas Cabeças: ancestralidade em movimento" oportunizou um aprofundamento nos saberes e fazeres de matriz africana e indígena. Esta imersão possibilitou desenvolver processos de ensino-aprendizagem e práticas artísticas em Dança envoltas de ancestralidade, tradição oral, técnicas de dança, musicalidade, cantigas e elementos ritualísticos, consolidando uma prática artística e pedagógica que entrelaça corpo, memória e comunidade, e reforçando a dança como um veículo de conhecimento e transformação social.

Referências

- LIGIÉRO, Zeca. Batucar-Cantar-Dançar: desenho das performances africanas no Brasil. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, Minas Gerais, v. 21, n. 1. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18430>. Acesso em: set de 2025.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- SANTOS, Inaicyra Falcão dos. **Corpo e ancestralidade**: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação. 5. ed. Curitiba: CRV, 2021.